



Augustus had seen Alexander's body in Alexandria and brings to Rome the myth and cult of the hero in spite of the senatorial opposition.

Key words: Body – Alexander – Augustus – Mith – Rome

Abstract

Augusto havia visto o corpo de Alexandre em Alexandria e leva a Roma o mito e o culto do herói apesar da oposição senatorial.

Palavras-chave: Corpo – Alexandre – Augusto – Mito – Roma

---

<sup>1</sup> Ettore Quaranta é possui doutorado em Letras Clássicas e mestrado em História Social, ambos pela USP. Atualmente é professor doutor assistente na Pontifícia Universidade Católica, onde leciona na área de História Antiga. Também é membro do Núcleo de Estudos de História Social da Cidade (NEHSC) na mesma universidade.

Segundo Suetônio<sup>2</sup> e Dion Cassio Otávio, logo após a vitória em Actium, chega a Alexandria e deseja ver o corpo de Alexandre. Rende homenagens: uma coroa de ouro é colocada sobre o corpo, morto já há trezentos anos, e flores são atiradas sobre o peito. E quando lhes perguntam se gostaria também de ver os Ptolomeus, responde: “Vim para ver um rei e não mortos”<sup>3</sup>.

Este é o momento da grande identificação de Augusto com Alexandre, verdadeiro final, talvez, da história helenística, quando unem-se suas duas partes do mediterrâneo, grega e latina, com predominância da última mas que depende totalmente da primeira, da grega. É assim o império fundado por Augusto, bilíngue, e é em grego que ele se dirige aos alexandrinos, absolvendo-os de ter violado a tumba de Alexandre, fundador da cidade<sup>4</sup>.

Aquela visita que fez arrebentar o sarcófago de vidro e o nariz aquilino da múmia ficou na memória popular e lembrada séculos posteriormente. Mais do que todos, Augusto se identificava a Alexandre, pois o seu império já se comparava ao império macedônico.

Augusto parece que nutria profunda admiração por Alexandre, desde a juventude<sup>5</sup>, e foi o desejo de conhecer as feições reais de Alexandre que o guiou à tumba. Como o corpo fora muito bem conservado em ervas, ter resistido sem se decompor durante trinta dias sob o verão de Babilônia e ainda em vida “exalar um suave odor como se fosse um deus” como nos diz Plutarco<sup>6</sup>, Augusto estava convicto de ter visto as feições originais de Alexandre – isto apesar de ter observado em uma múmia, o que é arriscado<sup>7</sup>.

---

<sup>2</sup> Suetônio, Augusto I, XVIII

<sup>3</sup> Se em Roma, Augusto foi o grande criador do culto oficial de Alexandre, muitos outros imperadores também foram a Alexandria e a tumba tornou a ser violada. Entre os mais famosos que fez isto, Lucio Septimo Severo (193 – 211) ordenou que se colocasse todos os livros mágicos e todas as fórmulas de invocação de espíritos sobre a tumba, sem queimá-los, para que a alma de Alexandre chegasse até a sua e ninguém mais a ela tivesse acesso, conforme nos informa Dion Cássio (LXXV 13,2). Seu filho com Júlia Donna, Caracala (211,217) também fez o mesmo, reabrindo a tumba e acreditando ter sido o próprio Alexandre – seria conforme Ps. Aurélio Victor (Epit. 21,4) o Alexander redivivus, que por um momento também habitaria o corpo de Augusto.

<sup>4</sup> Plutarco, Antônio, 80.

<sup>5</sup> Segundo Lucano X, 19 – 22.

<sup>6</sup> Alex., 4,2.

<sup>7</sup> E. SCHWARZENBERG. The Portraiture of Alexander. Entretiens sur l'Antiquité Classique. Alexandre le Grand. Image ET Réalité, p 223 – 78.

A partir daí, do momento em que Augusto julgou ter visto o próprio Alexandre, o imperador, que já desprezava todos os maneirismos dos muitos imitadores de Alexandre, julgou todas as obras existentes de forma implacável, fazendo muitas como as de Euphranor e Leochares, caírem no esquecimento. Inaugurou uma série de “arte oficial” sobre Alexandre, isto é aquela que se identificava mais com o que viu no sarcófago de Alexandria. Não era o Alexandre incorporado por Marco Antônio, com fins particulares, nem o arrogante e guerreiro dos diádocos que apenas servia de sustentação às suas dinastias e ressentimentos contra Roma. Augusto pensa em um Alexandre mundial, kosmokrátor, adequado ao império romano. E isto afeta também a historiografia de Tito Lívio e Estrabão com uma objetividade séria, na linha de Políbio.

Pelas informações de Horácio<sup>8</sup> e Plínio<sup>9</sup>, três artistas gregos não foram considerados “traidores” das feições de Alexandre pela crítica augustana: Lisipo<sup>10</sup>, Apeles<sup>11</sup> e Pirgoteles<sup>12</sup>, um escultor, um pintor e um entalhador de gemas.

---

<sup>8</sup> Epistulae II, 1, 232-250.

<sup>9</sup> Naturae VII 37, 125.

<sup>10</sup> Segundo Plutarco, foi o único escultor por quem Alexandre deixou ser retratado. E é o símile com leão que Lisipo utiliza para a cabeça de Alexandre – isto pode ser comprovado com semelhanças com as representações de leões na arte grega do final do IV séc. (WILLEMSEN, F. Sobre o leão de uma tumba de Pireu. *Die Löwernkopf – wasserspeier vom Dach des Zeustempels*, Berlin, 1959). A cabeleira ondulada e loura, com toque castanho, é uma juba leonina. A força do leão realça a bravura do herói. E ainda, uma inclinação forma um conjunto que influenciou a arte helenística. Isto é a apresentação da “anastole”, elevação, altivez das estátuas heroicas que nem todas, é obvio, podem ser atribuídas a representações e Alexandre como muitas vezes se faz. O olhar levantado pode ser em direção a Zeus, pai de Alexandre, que lhe inspirava o “póthos” que aparece por todo o texto de Arriano e é assim que Calístenes (FGrH 124 F36) apresenta Alexandre: “em oração, olhando aos céus, para o seu pai”.

<sup>11</sup> Também do círculo direto de Alexandre, este pintor do final do séc. IV deixou obras em Éfeso, em Cós e no Egito. E é do último, do tesouro de Cleópatra, que vem para o fórum romano, dois painéis, que estão entre as obras mais louvadas da Antiguidade. Um representava Alexandre no seu carro de triunfo, em apoteose, como Dionísio vindo da Índia. Representa uma das “pompa” dos Ptolomeus que influenciaram os triunfos romanos do final da república. O outro, Alexandre acompanhado pela Vitória e pelos Dióscuros, forma um par com o primeiro, e os dois valem tanto para a apoteose de Augusto quanto para o culto à Victoria que Roma já fazia há muito, desde os primeiros contatos com Alexandria, em 275, na época de Filadelfo II. Mas a Nike coroando carros de vencedores é temática tradicional na arte grega.

<sup>12</sup> O Camafeu “Gonzaga”, que na nossa época passou a pertencer à rainha Cristina da Suécia, é da linha pirgotélica e talvez represente Alexandre, já que a cabeça lembra a das moedas de Ptolomeu I – e é só após a morte de Alexandre que há representações de retratos em moedas gregas. Representaria Alexandre com Olímpia, talvez dando sentido ao mito egípcio do nascimento do rei, já prenunciando a futura iconografia bizantina da virgem Maria com Cristo Cosmocrátor. Mas também pode estar representando Augusto e Lívia.

Mas a imitação de Alexandre, por Augusto, deveria ocorrer de forma muito sutil<sup>13</sup>. Se, por um lado, admirava profundamente Alexandre<sup>14</sup>, colocando estátuas deste rei no fórum romano e conservando efígies e outras lembranças<sup>15</sup>, não poderia, como restaurador da República, imitar um rei autocrático e divinizado, imagem que se chocaria com o Senado. Eram ainda recentes as lembranças de Marco Antonio, incorporando um Alexandre dionisíaco e oriental e dando o nome a um dos filhos de Cleópatra<sup>16</sup>.

Mas, por estranha contradição, era da mesma forma que Otávio era visto no Oriente: um rei helenístico divinizado<sup>17</sup> junto com o poder de Roma, como seriam todos os imperadores. Na Itália não havia o culto em vida, mas após a morte como honra delegada pelo Senado<sup>18</sup>

Se política e economicamente, o mediterrâneo está integrado nos inícios de império, ideologicamente ainda se divide: Cesar Otaviano Augusto tem um grande cuidado em não ferir as tradições republicanas, em se apoiar no ideal de Libertas dos romanos e delegar poderes ao Senado<sup>19</sup>. As suas virtudes cardeais, Virtus, Iustitia, Clementina, Pietas respeitam os costumes dos antepassados, a gravitas, o mos maiorum<sup>20</sup> e é desta forma, com o respeito à tradições vindas da Roma primitiva dos reis, que o primeiro Imperador se tornará Conditor Urbis, isto é o patrono de toda a Itália.

Logo após a conquista do Egito, em 31, estátuas de Alexandre tipo “portador de lança” ou “condutor de quadrigas de elefantes” tomam o caminho de Roma. Junto

<sup>13</sup> Cf. D. Kienast, “Augustus und Alexander”. *Gymnasium* 76, 1969, pp. 430-456 e Ch. Frugoni, *La Fortuna di Alessandro Magno dall’antichità al medioevo*. Firenze, La Nuova Italia, 1977, esp. pp. 95-98.

<sup>14</sup> Demonstra tal admiração discurso aos alexandrinos. Cf. Dion Cassius, *LI*, 16,4.

<sup>15</sup> Cf. Suetônio, *Augusto*, 50 e 94.

<sup>16</sup> Cf. Plutarco, *Antonio*, 34-36.

<sup>17</sup> Sabemos que não havia um decalque entre o rei tipo grego helenístico e o faraó egípcio pois enquanto que o primeiro encarna a própria Lei, é um “*nómos émpsykhos*”, o segundo é a apoteose da Vida, uma personificação de Osíris, que pelos ritos do nascimento e da entronização recebera “*le fluide magique*” das divindades. Cf. Ferguson, W. S. op.cit. p.13.

<sup>18</sup> Seria, seguindo o pensamento de Tito Lívio, uma diferenciação que os romanos faziam de si próprios, civilizados, frente aos bárbaros. Cf. P. Ceausescu, “*La Double image d’Alexandre Le Grand à Rome*”. *Studie Clasice*, 16, 1979. pp-153-158, esp. pp.167-8.

<sup>19</sup> Cf. Ch. Wirszubski, *Libertas as a Political Idea at Rome during the Late Republic and Early Empire*. Cambridge, At Clarendon Press, 1950. Esp. pp.13-20.

<sup>20</sup> Idem, *ibidem*.

vêm os estateros e ouro dos Ptolomeus<sup>21</sup>, com as representações dos seus feitos e da sua divinização<sup>22</sup>

A veneração à imagem de Alexandre é um fator de mentalidade importantíssimo, na sacralização do poder em Roma. Sua importância foi rapidamente percebida por Augusto que, de forma hábil, o adaptou e o associou ao poder imperial.

Mas a corrente hostil a Alexandre, em Roma, nunca deixou de existir. Arriano, no seu último parágrafo da Anábise, parece desanimado em vencê-la e por isso torna-se agressivo. Mas o mito, em si, de forma geral, causava, e causa, admiração na maior parte dos seres humanos.

Sagrado porque é um rei, imbuído de autoridade divina<sup>23</sup> sustentáculo de qualquer poder, Alexandre é o herói incomparável. Representa o típico “modelo heroico”, de todos os heróis da Humanidade<sup>24</sup>: vence todos os obstáculos porque possui a “graça divina”<sup>25</sup>. Como todos os heróis, desce aos infernos, de onde não há retorno – e no relato de Alexandre, os infernos estão representados pelo deserto de Gedrósia. Ele, que tivera nascimento ilustre, ligado a mitos, é louro como o sol, de cabelos cintilantes e olhar úmido que se eleva a Zeus. Identificado com Hélios, é só como este astro. Seu orgulho também o faz sofrer: perde o maior dos amigos, Heféstion, como Aquiles perdera Pátroclo e Gilgamesh Enkidu. Seus atos injustos recaem sobre os deuses, desde que não existe um moral pessoal heroica: por exemplo a destruição de Tebas ou a morte de Clitus, atos atribuídos à ira divina. É sempre morto à traição, como Aquiles ou Siegfried: sobre Alexandre, a versão do

<sup>21</sup> Os romanos, em 275, já haviam percebido que Alexandria estava toda dedicada ao seu herói fundador, quando ocorre a embaixada dos Ogunii a Ptolomeu Filadelfo: além do Sema, do Tychaion que o representava como Hélios e da estátua perdida de Lisipo, um abundante artesanato local preocupado com as figuras de Alexandre e Heféstion, “o outro Alexandre”, e as muitas cerimônias públicas, atestavam a realidade grandiosa deste culto no Egito Cf. P. Goukowsky, op.cit. PP 25-25.

<sup>22</sup> É a peregrinação a Siwa, principalmente, que mais havia impressionado os egípcios. O relato de Calístenes, resumindo por Estrabão, foi utilizado por Arriano, III, 4: “a expedição se perde e duas serpentes sibilam uma voz e indicam o caminho”. Foram a saudação do sacerdote egípcio a Alexandre como “filho de Amón” e os dizeres no santuário, que permaneceram em segredo. A imediata vitória de Gaugamela foi atribuída, pelos egípcios, à visita ao santuário.

<sup>23</sup> Cf. F. de Coulanges “A autoridade religiosa do rei” in *A cidade antiga*. São Paulo, Hermus, 1975 pp. 139-141.

<sup>24</sup> Cf. P. Brunel (org) “Heroísmo” in *Dicionário e mitos literários*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1997 pp. 467-473.

<sup>25</sup> Arriano se lembrará disto no final da Anábise Ver também J.P. Vernant, *Mito e Pensamento entre os gregos*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1973. Tradução de Haganuch Sarian, p. 289.

envenenamento foi a que mais se enraizou no relato popular. Mas vestir-se como um bárbaro persa, exigir prostração e se entregar as bebedeiras não é próprio de um herói, e foi onde a corrente hostil se utilizou, como temas retóricos contra Alexandre. Os ataques vêm de vários autores, mas principalmente de Luciano e Sêneca. Todos os seus atos de intemperança são apontados e condenados pelos autores, principalmente Sêneca.<sup>26</sup>

O que se sabe sobre o mito de Alexandre, em Roma, é que há menções desde o século II a.C., desde os primeiros contatos com o Egito ptolomaico, em 275. Admirações pelo macedônico aparecem nitidamente em muitos autores, como Plauto, e homens de Estado, como Cipião, o africano, e Júlio César.

Em Roma, onde a carreira militar possui um destaque social importantíssimo, não há porque deixar de se nutrir admiração pelo campeão do Helenismo no Oriente. Roma, imbuída de cultura grega desde os seus primórdios, admira Alexandre, exemplo máximo do heroísmo militar a todos os povos.

O que ocorreu em 53 a.C., a derrota de Carras, diante dos partas, com a morte do melhor exército romano, sob o comando de Crasso, foi um divisor de águas. Alguns grupos gregos helenísticos viram nesta derrota romana uma possibilidade de impedir o seu avanço, pelo menos na região leste, o que na realidade acabou por não ocorrer. Mas o apego à figura de Alexandre, que, momentaneamente, estes gregos dissidentes utilizaram contra Roma, deixou marcas que durariam muito tempo.

É o filósofo Alexandrino Timagenes<sup>27</sup>, que nutre ressentimentos contra Roma, e não acredita em seu papel de defensora do Helenismo, que transforma a memória de Alexandre em qualquer coisa anti-romana. A figura do herói, que integra o Ocidente e o Oriente, se amesquinha em algo separatista e a favor de alguns grupos, temerosos do avanço romano no Leste.

É exatamente o Senado romano que se sente atingido, como um todo representativo das tradições latinas. A aversão senatorial a Alexandre, que encontra apoio no estoicismo de Luciano e Sêneca, estará todo relacionado com a política da

---

<sup>26</sup> Cf. De Ira 3,17 e De Benef. 2.12.2.

<sup>27</sup> Cf. M. Sordi, "Timagene di Alessandria: uno storico ellenocentrico e filobarbaro. "in ANRW" II,30,1. Berlin-New York, 1982, PP. 775-797.

própria Roma. Os senadores se posicionarão contra o déspota Alexandre, que lhes representa os muitos generais que se levantavam no final da República, renunciando o poder definitivo do militarismo da época imperial.

Assim, por cento e cinquenta anos, enquanto predomina, em Roma, o Senado, ou as memórias das suas tradições, a figura de Alexandre será a de um inimigo, principalmente da *Libertas* republicana.

Por outro lado, a admiração pelo herói estará evidente em todos aqueles que, de uma forma ou de outra, se opõe ao Senado<sup>28</sup> Para estes, Alexandre se apresenta como o maior exemplo militar invencível e de governador mundial, que transcende, portanto, a limitada tradição senatorial.

Mas a admiração, exceto a ala radicalmente tradicionalmente do Senado, estará por toda, entre senadores, militares e o povo comum, embora não seja claramente demonstrada.

Será Augusto que reintroduzirá Alexandre, em Roma, de forma oficial, mas como a de um rei civilizado que conquistará as terras bárbaras, longe da imagem anti-romana criada pelos diádocos. A habilidade de Augusto estará em colocar tudo, inclusive Alexandre, sob a égide da cultura latina, da tradição senatorial. Alexandre é aceito como exemplo militar mas continua vítima de uma corrente hostil, que se diz estoica. Admiração não é sinônimo de “*imitatio*” declarada e manifesta.

A primeira vez em que um imperador, abertamente, se compara a Alexandre, em carta enviada ao Senado, é em 114, quando Trajano lamenta não ter seguido todos os caminhos de Alexandre, depois de sacrificar no palácio em que aquele morrerá, em Babilônia. Trajano, imperador antonino, mas antes de tudo um homem simples, que anda a pé por Roma, demonstra a sua admiração por Alexandre, a quem Arriano dedicará a Anábase.

Assim, de 53 a.C. a 114 d. C., a figura de Alexandre se interpõe na política romana, de maneira divisória, separando as tradições republicanas dos muitos elementos militaristas que lhes fazem oposição. Mas, a partir de Trajano, torna-se

---

<sup>28</sup> Principalmente Calígula, Nero, Julio Cesar e Marco Antonio. Cf. P. Ceausescu, “La double image d’Alexandre Le Grand à Rome.” *Studii Clsice XVI*, 1974 pp. 153 -168.

um modelo livre para imitação, principalmente para os imperadores. Sem dúvida, tornara-se um mito de Estado<sup>29</sup>.

Foi somente esta ambiência, propícia a Alexandre, que permitiu o aparecimento da obra de Plutarco, e, logo a seguir, a de Arriano, quando o período, sob Adriano já pode ser denominado de “renascimento das letras gregas”<sup>30</sup>.

Mas o grande aplacador das tendências opostas foi Augusto, que deixou que Alexandre, e forma diferente, pacífica, conquistasse definitivamente Roma. Augusto mesmo, um admirador velado do macedônio não podia usar da imitação direta, não só por desagrado ao Senado, mas por estar se assemelhando a Marco Antonio. Será sua a tarefa de facilitar a entrada definitiva do mito.

---

<sup>29</sup> É exatamente desta época dos Antoninos, que L. Cracco Ruggini passa a estudar a evolução do mito e a sua cristianização. Cf. *Athenaeum* 43, 1965, N S, PP -3-80.

<sup>30</sup> Cf. H. Bengston, “Kaiser Hadriam und die griechische Renaissance” in *Gundriss*, pp. 337-348.

## Bibliografia

AUSTIN, M. *The Hellenistic world from Alexander to the Roman conquest*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

BUGH, G. R. *Hellenistic World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

CRACCO RUGGINI, L. *Sulla Cristianizzazione della cultura romana: il mito Greco e latino di Alessandro*. Athenaeum NS, 43, 1965.

FERGUSON, W. S. *Deification*. In: *The Cambridge Ancient History*. Cambridge: University Press, vol. VIII.

GOUKOWSKY, P. *Essai sur les origines Du mythe d'Alexandre*. Nancy, 1978.

GRANDJEAN, C. et alii. *Le Monde Hellenistique*. Paris: Armand-Colin, 2008.

PLUTARCO. *Vite Parallele*. Alessandro. Testo a Fronte. Milano: RCS Rizzoli Libri, 1989.

SUETONE. *Vies des Douze Césars*. Tome I. Paris: Les Belles Lettres, 1931.